

Educomunicação Cabocla da Região do Vale do São Francisco: Percursos, Outros Fazeres e Avanços

Céres Marisa Santos
Edilane Carvalho Teles
Elis Rejane Santana da Silva

Introdução

Partimos da necessidade de conceituar e identificar qual é e, como se dá a Educomunicação realizada no semiárido baiano, mais especificamente a que realizamos na região do sub-médio do São Francisco, a partir da influência/motivação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus III – Juazeiro/BA, Cursos de Pedagogia e Comunicação Social.

Trata-se deste modo, da produção do estado da arte da Educomunicação considerando as práticas realizadas antes da presença do NCE – USP, bem como do predomínio de pesquisadores (SOARES, CITELLI, BACCEGA), após a presença do DINTER – Doutorado em Comunicação USP/UNEB e, sobremaneira dos fazeres que presumem aspectos identitários socioculturais de uma realidade muito específica deste povo, cuja práxis educacional emerge de necessidades, as

quais se observa nas correlações teóricas com o premente campo emergente, apresentando outros fazeres metodológicos¹.

Ademais, nos caberá ainda perscrutar este caminhar educutivo refletindo-o como princípio metodológico (uma hipótese), uma vez que a construção do projeto é sempre uma criação com os sujeitos, não seguindo nenhuma posição curricular, mas as demandas que destes surgem desses processos.

Arriscamos ainda em afirmar que a educação que realizamos é um campo de pesquisa emergente, que se configura de maneira transdisciplinar, criando ecossistemas educativos, através de projetos educativos ancorados pelos princípios de alteridade, cidadania e transformação social, dos sujeitos pertencentes ao semiárido baiano, ressaltando seus saberes socioculturais : A Educação Cabocla!

Em busca de identidade

Iniciamos este debate compreendendo o sentido particular ao qual estamos buscando identificar as práticas educativas realizadas, a partir do fazer cotidiano de homens e mulheres pertencentes ao semiárido baiano, que vivem e desenvolvem suas atividades sobre à sombra da caatinga e a beira do rio São Francisco, donde é retirado seu sustento e mais do que isso, sua cultura, seus saberes, sua presença no mundo que permeia os espaços socioculturais e a revolução dos usos midiáticos e comunicacionais oriundos do momento atual acelerado pelos novos modelos de tempo e de espaço, tecnologias as quais muitas vezes não fazem parte do seu fazeres cotidianos.

O uso prático do termo “caboclo pretende especificar uma categoria social à qual falta um termo próprio de autodenominação” e aponta para o processo histórico de sua constituição. Embora o termo transmita um significado preciso aos leitores em potencial de trabalhos acadêmicos, ele deixa uma pergunta a ser respondida: se é um termo de identificação do observador, qual é a iden-

1 Parte do artigo foi apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018

tidade própria das pessoas às quais o termo se refere, os chamados caboclos? (LIMA,1999, p.7).

Na fala coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe. Considerando a dimensão geográfica, o caboclo é reconhecido como um dos “tipos” regionais do Brasil (cf. IBGE, 1975). “Entre esses tipos gerais estão os gaúchos do sul, as baianas da Bahia e os sertanejos do nordeste, para citar alguns” (IBID).

Embora o “fracasso humano” que o caboclo simboliza seja constantemente associado com o meio ambiente amazônico – muitas vezes pelo clima da região -, a associação não deixa de ser ambígua.

Portanto, ressaltamos que esta discussão preliminar acerca das estereótipos que advém do termo, seja do ponto de vista antropológico, seja do ponto de vista geográfico, higienista, tanto como dos processos de [a]culturação, não nos oblietra em pensá-lo tampouco a partir, não meramente de uma estilística romântica – de homens e mulheres bronzeados pelo sol escaldante do semiárido baiano – mas sobremaneira por requalificar o termo por entendê-lo rico de um conteúdo que abarca as dimensões não apenas socioculturais, mas de gênero, de “raça” (negro, índio, em suas variantes), formando um conjunto coeso e justo capaz de se tornar mais robusto que os termos usuais, quais sejam: Sertanejos, Nordestinos, Catingueiros que apenas margeiam o que está impresso apenas no imaginário visto por fora, por quem não vive a realidade cultural e das representações que os termos podem suscitar a partir dos seus sentidos, ao nosso ver excludentes do lugar do negro, do índio, cuja presença é porventura demarcadora nos processos identitários, da população que vive na região do Vale do São Francisco.

Aos processos identitários,

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nes-

sa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e auto-suficiente (TADEU DA SILVA,1999, p.126).

Como nos afirma Toma Tadeu da Silva, os processos identitários em nosso tempo presente se torna uma discussão imprescindível, se quer pautada por uma educação para a comunicação, mediada pelos contextos culturais e pelos sujeitos autônomos e protagonistas, que parta da identidade para a diferença.

A educomunicação cabocla é como a identificamos, confessamos que com a licença poética , o lirismo e mais profundamente com a menifesação de nosso ativismo nas discussões de povos e comunidades tradicionais, gênese desse povo curtido pelo sol e pela luta por um país digno e incluyente.

Justificado nosso título pelo prêambulo apresentado, resta agora discutirmos os cenários acerca da educomunicação cabocla empreendidos a partir das experiências com projetos de educomunicação realizados no Departamento de Educação- Campus III – Juazeiro, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, nos cursos de Pedagogia e Comunicação Social – Jornalismo.

O presente estudo partiu da realidade específica do contexto do semiárido baiano, mais especificamente das turmas de 8º período do Curso de Pedagogia das disciplinas , ministradas por duas das disciplinas do currículo das disciplinas obrigatórias, com vistas a discutir a realização de projetos educacionais em espaços formais, não formais, ou mesmo em espaços informais, cuja característica precípua se fundamenta na educação contextualizada na construção de projetos educacionais, atendendo as demanda locais, e neste percurso, adquirindo um formato único em diálogo com os princípios da educomunicação (EDUCOM).

Sobre os processos culturais na educomunicação, Citelli (2013, p.1830) nos faz refletir acerca das instâncias tecnoculturais,

[...] claramente expressas nos circuitos comunicativos e cada vez mais presentes nas relações cotidianas, certamente se ajustam aos conceitos de educação ancorados em perspectivas inter e transdi-

ciplinares, reforçando a ideia de que o conhecimento não cabe em grades – curriculares, por exemplo².

Esta incursão um tanto quanto “autoral”, nos levou a questionar: seria uma “outra Educomunicação”? As construções mediadas pelas tecnologias da comunicação e informação, sustentadas nos termos propostos pelos pesquisadores que norteiam (nortearão) nossa práxis (SOARES, 2011; CITELLI; 2011), nos revelou que não se trata de uma nova educomunicação e sim a nossa educomunicação, de jovens homens e mulheres estudantes de no 8º período, que ainda não haviam experienciado a construção de projetos em educomunicação permeados de elementos enriquecedores, tanto do ponto de vista da formação quanto do papel social, cujos projetos nos permitiu realizar, com uma vocação amparada pela alteridade e respeito as muitas e diversas realidades do nosso contexto, entretanto, com uma identidade que é única, uma construção dos sujeitos passo a passo, como quem planta uma semente sob o sol.

Como é presumível afirmar sobre a educomunicação possível, a qual nos amparamos teoricamente, Soares (2016) argumenta,

A Educomunicação é assumida como um paradigma que orienta o planejamento e a implementação de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos, visando a autonomia comunicativa dos sujeitos da Educação (professores e alunos), quer enquanto construtores de relações de convivência, enquanto produtores de mensagens ou como usuários dos sistemas de informação (2016, p.16).

Longe de ser uma unanimidade, a educomunicação nesta perspectiva de orientação das práticas educacionais é vista como campo de pesquisa emergente e de dimensões ainda a serem mapeadas, nos referimos que a abertura tanto do a partir da execução dos projetos por todo o país e América Latina, bem como

2 Educomunicação: em torno dos diálogos culturais Trabalho apresentado no DTI Educomunicação. IBERCOM 2013. Versão preliminar deste texto foi lido no Intercom. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

da configuração do termo que é polissêmico e abrange muitas concepções, o que a torna um conteúdo substancial da atividade transdisciplinar.

Diante desta exposição e, da presunção de discutir a educomunicação como método e metodologia, ainda nos fomentando na argumentação de Soares, temos que,

Ainda que a Educomunicação se reconheça como um campo transdisciplinar de conhecimento e de intervenção social, com possibilidades de convivência com as quatro áreas de conhecimento, interessa-nos, por uma questão método. Ainda que a Educomunicação se reconheça como um campo transdisciplinar de conhecimento e de intervenção social, com possibilidades de convivência com as quatro áreas de conhecimento, interessa-nos, por uma questão metodológica, um olhar específico sobre seu diálogo com a área de Linguagens, pois cabe a esta tratar especificamente dos conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas lógica, um olhar específico sobre seu diálogo com a área de Linguagens, pois cabe a esta tratar especificamente dos conhecimentos relativos à atuação dos sujeitos em variadas esferas da comunicação humana, das mais cotidianas às mais formais e elaboradas (2016, p.18).

Assim tomando a educomunicação em termos de princípios metodológicos (uma hipótese), uma vez que a construção do projeto é sempre uma criação com os sujeitos, não seguindo nenhuma proposição curricular, mas as demandas que destes surgem.

A priori parece algo engenhosamente performático, contudo Soares já aponta em seu discurso alguns índices que nos referencia ao dizer, [...] trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita naturalmente se circundada pela definição de tecnologias de auxílio. Um ambiente escolar educamunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (dire-

ção docente-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinares, multidisciplinares, pedagogia de projetos); (SOARES, 2011, p. 45).

A escolha inicial pela comunidade de investigação nos projetos, foi de absoluta escolha dos alunos do 8º período, francamente pautados em interesse muito particular pelo grupo em ocasião de interesses pessoais.

Assim o sendo, as proposições se estenderam desde a jovens e crianças protegidas (violência familiar de todos os tipos); jovens em semiliberdade (a maioria menor de idade); prostitutas; associações de ciclistas, escolas de ensino regular, além da UAT – projeto da UNEB que recebe senhores e senhoras da terceira idade.

A produção dos projetos, implicou numa construção diária, escrita e reescrita durante todo o processo, pois não há metodologia refratária, receituários, prévios ou orientações prontas, formalizadas.

Foi um percurso muito particular, que se construiu no dia-a-dia e, de forma contextualizada, durante o período de formação com os componentes curriculares: *Tecnologias da Comunicação e Laboratório de Comunicação*, ambas componentes com uma carga-horária de 60h, realizadas entre os meses de março a junho de 2018, ou seja, um projeto realizado por muitas mãos, tomando como referência os lastros teóricos já mencionados, com as experiências pessoais, criatividade, ouvidos sensíveis e atentos e com o envolvimento das duas turmas de graduandos do curso de Pedagogia da UNEB. Assim como acrescenta Bacegga (2011),

Comunicação/educação inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido. (BACCEGA, 2011, p. 32)

Que buscou encontrar subsídios para a prática educacional – de fato – ou mesmo um novo rumo para comunicação, para educação. Posto isto e diante de responder de imediato a questão: Qual a natureza da educação que

fazemos no semiárido baiano? Reiteramos uma *Educomunicação Cabocla*, que vai se compondo a partir da própria práxis, que se efetiva admitindo ao mesmo tempo a cultura local, as mídias, as tecnologias, os saberes socioculturais, os gostos pessoais, a natureza dos sujeitos envolvidos tornando-os protagonistas da sua própria história e nós mediadores de uma produção transformadora de histórias pessoais, de vida mesmo!

O caminho, como nos motiva Soares,

[...] mais aconselhável seria naturalmente, o da explicitação da autonomia dos docentes e estudantes em tudo que se refira ao respeito às diversidades e que privilegie a cultura local, promovendo o protagonismo dos sujeitos sociais no processo educativo, algo absolutamente visado nos projetos educacionais (2016.p.24).

E assim o foi! O protocolo de visitas se estendeu durante (em média) 6 encontros considerando alguns princípios norteadores da prática, que tiveram [implicitamente] os “prolegômenos” apresentados pela autoridade do MEC, segundo o texto contido no livro *Educomunicação Possível* (SOARES, 2016, p.15) época em que, representada pelo ministro Renato Janine Ribeiro, foi anunciado o texto da Secretaria de Ensino Básico que apresentou elementos consubstanciais no qual fica evidente que a comunicação estaria sendo contemplada entre os “Doze direitos de aprendizagem”³,

- direito a prezar e cultivar o convívio afetivo e social, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro (para o que, torna-se indispensável a construção de um ecossistema comunicativo aberto e democrático);
- o direito de se expressar e interagir a partir das linguagens do corpo, da fala, escrita, das artes..., assim como de informar e de se infor-

3 As referências à fala do ministro, assim como as transcrições de trechos de textos do documento do se B/ mec são acessíveis no portal: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=18543:direitos-de-aprendizagem-do-ciclo-de-alfabetizacao-ensino-fundamental>>.

mar, por meio dos vários recursos de comunicação (como é próprio do ideário educacional);

- o direito de participar ativamente da vida social, cultural e política, de forma solidária, crítica e propositiva..., dispondo-se a enfrentar ou mediar eticamente conflitos de interesse (tema inerente ao da gestão das relações de comunicação no interior do espaço escolar e fora dele);
- o desenvolvimento de múltiplas linguagens como recursos próprios;
- o uso criativo e crítico dos recursos de informação e comunicação;
- a vivência da cultura como realização prazerosa;
- a percepção e o encantamento com as ciências como permanente;
- convite à dúvida;
- a compreensão da democracia, da justiça e da equidade como resultados de contínuo envolvimento e participação.

A todo encontro presencial, os princípios eram revitalizados retomados e, a partir daí os grupos planejavam situações didáticas, criando ecossistemas educativos amparados pelo uso de tecnologias.

Dos projetos realizados, destacaremos apenas um deles que por meio da construção no percurso de formação do pedagogo com o viés em EDUCOM, se propôs na inter-relação entre os campos como princípio epistemológico e prático do fazer em um espaço não-formal.

Diante disso, surge como ação interdisciplinar entre os componentes curriculares citados, a ser realizado em uma comunidade, sendo escolhida a Comunidade de Atendimento Socioeducativo (CASE), espaço proposto. O primeiro passo foi um momento de observação e diálogo, tendo em vista conhecer o público.

Portanto, os jovens foram convidados a participarem de uma roda de conversa, onde paulatinamente foram surgindo os interesses e, a partir das possibilidades apresentadas, a escolha do tema e dos meios a serem utilizados ao decorrer da realização do projeto.

A proposta então, passa a ser definida como uma construção que pretendia promover as expressões de “De dentro para fora”, uma vez que surge a partir

de um contexto com jovens em semiliberdade, os quais apresentam um discurso de dor e exaustão, de ter que viver “como um pássaro em uma gaiola bem pequena, capaz de sufocar”, palavras ditas por Jota um dos jovens da CASE, que expressa o sentimento de tantos outros que lá convivem, e na maioria das vezes, preferem se calar. Sonham com a liberdade, com a possibilidade de correr livre em uma rua, de ver a família, de poder abraçar a mãe, de estar em seus lares e estar diante de todo o contexto onde antes viviam.

O tema escolhido pela estudante Jaqueline Aquino, foi de forma poética, contudo muito bem representativo, uma vez refletindo os desejos mais expressivos que estes jovens, meninos em regime de semiliberdade, de exercer sua cidadania livremente, rever sua família, especialmente a “mãe”.

Através das oficinas realizadas *in loco*, na CASE, através da yoga, da automassagem, da oficina de cerâmica, os meninos iam revelando seus desejos mais profundos e decidiram representá-los através da fotografia.

A aluna/mediadora, produziu uma oficina de Fotografias e com as informações, os jovens passaram a manusear uma câmera profissional e a fotografar livremente. Entre os meninos da CASE, um deles se destacou pelo nível das fotografias, pelo pseudônimo Jota, nasceu naquele instante mesmo, um fotógrafo de nível espetacular.

Segue algumas imagens produzidas por Jota, a primeira destaca a oficina de cerâmica, cujos objetos produzidos permitem a interação com a liberdade, barcos, e outras produções fundo introspectivo,



JOTA, 2018

As imagens que seguem, de inspiração também de Jota, nos fazem refletir sobre a vida do lado de fora, a liberdade total,



JOTA, 2018

Atentamos para a avaliação criteriosa da imagens na perspectiva do enquadramento, dos elementos de profundidade, de ofuscamento das imagens de fundo, da luminosidade, aspectos importantes para a fotografia, captados de uma forma singular e sobremaneira transmitidos pelo olhar atento de um garoto que manuseia pela primeira vez uma câmera profissional.

Diante dos resultados exitosos deste projeto, Jota se tornou o fotógrafo oficial da CASE, registrando todas as atividades realizadas bem como, este empreendimento educ comunicativo, serviu como mola propulsora para outras atividades envolvendo a fotografia.

Como nos indicou Soares, quando menciona que,

Sendo assim, a prática educ comunicativa, por meio de uma pedagogia de projetos, poderia converter-se em aliada de processos de avaliações formativas, preparando os caminhos para que toda a comunidade educacional possa rever e reconstruir, de forma permanente, as relações de comunicação no interior dos ecossistemas educativos de cada escola. A possibilidade certamente daria mais vida às escolas e envolveria mais profundamente os alunos em seus projetos educativos (SOARES, 2016, p.24)

Trata-se de uma instituição não formal, todavia com seus jogos e regras pertinentes a um fazer também refratário e, que nos põe em dúvida sobre as formas

de inclusão desses meninos em suas infrações após sua estada nesse espaço, longe de nos comportar como algozes e julgadores do bem e do mal, nos colocamos em uma posição de companheiros na aventura de produzir um saber que partiu dos interesses subjetivos, muitas vezes escondidos nos recônditos do inconsciente, do profundo desconhecido para eles próprios, e exteriorizar estes sentimentos pelos vieses das tecnologias, parceiras nestes ecossistemas educativos, onde todos de diferentes modos, trocaram experiências em torno de sentimentos, emoções, envolvimento, imagens de liberdade e esperanças de futuro!

Eis a Educomunicação Cabocla emergindo do solo seco da caatinga baiana, como o rio [São Francisco] vai contornando os cenários ressequidos, formando cascatas de águas cristalinas!

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

LIMA, Debóra Magalhães. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TERMO CABOCLO SOBRE ESTRUTURAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MEIO RURAL AMAZÔNICO. ovos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, I. (2016). A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. Comunicação & Educação, 21(1), 13-25. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v21i1p13-25>.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato, revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, Brasília, 1999, ano 1, n.

_____. Educomunicação, o conceito, a aplicação, o profissional. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

Sobre as autoras

Céres Marisa Santos - Discente do Curso de Doutorado Interinstitucional (Dinter) entre o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Jornalista e docente no curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. E-mail: ceresantos3@gmail.com.

Edilane Carvalho Teles - Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. E-mail: edilaneledes@hotmail.com

Elis Rejane Santana da Silva - Docente do curso de Pedagogia (Núcleo de Educação e Comunicação) do Departamento de Ciências Humanas, 3 Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/ECA/ USP) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: elissecoco@gmail.com